

OS ESTUDOS CULTURAIS COMO REFERÊNCIA PARA OS PROGRAMAS DE MÍDIA E EDUCAÇÃO.

Prof. Dra. Maria Isabel Orofino

Maria Isabel Orofino é Pós-Doutoranda do Programa de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud da Red CLACSO de Posgrados (2011-). Doutora em Ciências da Comunicação /USP com pesquisa CNPq na London School of Economics and Political Sciences (LSE) Inglaterra (Londres). Mestre em Educação e Bacharel em Comunicação Social - UFSC. Hoje é professora do PPGCOM/ESPM-SP.

Introdução

A partir de uma solicitação da curadoria do V Encontro Brasileiro de Educomunicação sou convidada a apresentar uma reflexão sobre as contribuições que os *estudos culturais* (enquanto corrente teórico-metodológica) podem oferecer aos programas de mídia e educação. Não a considero uma tarefa simples. Especialmente para se realizar em um curto espaço de tempo e espaço. Nas páginas que se seguem vou articular uma apresentação desta corrente teórica em particular, principalmente a partir do trabalho de Raymond Williams ao campo da comunicação e educação. Assim, na primeira parte do artigo apresento uma síntese dos estudos culturais e em um segundo momento busco refletir sobre as contribuições que oferece ao nosso campo: o da mídia e educação, em especial ao articular sua proximidade ao pensamento de Paulo Freire no campo da educação.

O que é Estudos Culturais

Estudos culturais é uma corrente teórica que emergiu na Inglaterra, na Universidade de Birmingham no Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) nos anos 60-70 do século passado como uma grande alternativa à *teoria marxista da cultura*. O pensar marxista sobre a cultura até aquele momento estava fortemente ancorado na ideia de *alienação* cuja ênfase recaía sobre a ideologia e suas formas de reprodução, sobretudo a reprodução de classe.

Inspirados (não apenas, mas fortemente) pelas contribuições do filósofo italiano Antonio Gramsci e o seu conceito de *hegemonia* (e seu potencial de ambivalência e ambiguidade nas relações de poder) os autores dos estudos culturais buscaram localizar a cultura não apenas como lugar de reprodução mas também das *resistências* da cultura popular.

Assim, como destacam Mattelart e Meveu (2003) “Pode-se qualificar portanto a emergência dos Cultural Studies como a de um paradigma, de um questionamento teórico decorrente. Trata-se de se considerar a cultura em seu sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo da cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais.”

Os principais autores que produziram as referências que fundam os estudos culturais britânicos são Edward Palmer Thompson, Raymond Williams e Richard Hoggart (conhecidos como a primeira geração de Birmingham). Stuart Hall é o quarto cavaleiro e deslocou o debate da categoria de classe social para a o conceito de opressão racial o que gerou o debate sobre o “sujeito pós-moderno” e suas múltiplas posições de classe, raça, etnia, gênero, orientação sexual, geração, religião entre outros.

A partir do trabalho destes quatro autores emerge uma ampla produção que ficou conhecida internacionalmente. Além da problematização das resistências populares os estudos culturais se interessam pelas novas dinâmicas desencadeadas pela mídia de massa e oferecem um questionamento ao conceito canônico, erudito e elitista de cultura. Isso se dá com o despertar da televisão. Assim, os estudos culturais produzem grande número de pesquisas e reflexões sobre o campo da comunicação e da cultura, os quais são fundamentais para o debate sobre a mídia e educação.

Este movimento gerou uma nova reflexão sobre as *resistências* em relação aos meios massivos de comunicação e os modos como “o popular interpela o massivo” (Martin-Barbero).

Na América Latina as mediações em debate

Interessante observar que esta entrada da obra de Antonio Gramsci na *teoria marxista da cultura* também desencadeou um movimento teórico semelhante na América Latina, o que aconteceu em paralelo o qual ficou conhecido como *teorias das mediações*.

Na sequência vou utilizar as referências a que recorri por ocasião da produção de minha pesquisa de doutorado, quando pude me deter mais profundamente neste campo de investigação. Assim, como destacamos anteriormente (Orofino, 2006) a partir da obra de Jesús Martin-Barbero podemos localizar um amplo itinerário sobre a cultura compreendida a partir da *trama a partir*

da *cotidianidade* pois Barbero identifica um elenco de autores em ciências sociais críticas que se interessaram pelo estudo da *cultura* a partir das ideias de Antonio Gramsci e o seu conceito de *hegemonia e cultura popular*. Martín-Barbero destaca que este método gerou um resgate positivo da cultura popular em um momento de crise que atravessam as esquerdas. Uma positividade que reiterada subsequentemente, passou a ser exagerada “até fazer da capacidade de resistência e resposta das classes subalternas uma chave quase mágica, uma força de onde proviria o impulso verdadeiramente revolucionário” (1997). Isto foi resultado, nos fala o autor, de uma incapacidade do marxismo para modificar certos esquemas mentais e certos pressupostos que permanecem vivos em sua aparente negação ou superação o que revela uma simplificação maniqueísta, fruto mesmo da hegemonia do funcionalismo, só que aqui incrustado nos modos de pensar a teoria progressista, por meio de dicotomias e oposições binárias excludentes: de um lado os dominadores, de outro os subalternos. O problema é muito mais complexo. Mais do que se pensar a cultura e a hegemonia a partir de oposições binárias, o que se precisa é localizá-la enquanto **trama**, em que:

“(…) nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não é de resistência, e que nem tudo que vem de cima são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá respondem a outras lógicas que não são as da dominação” (Martín-Barbero, 1997:111).

Dentre os autores que buscam problematizar a cultura a partir de uma perspectiva de trama ou teia de complexidades, está a obra de Raymond Williams. Nela está a sua grande contribuição com os escritos que fez sobre a *indústria cultural* e como esta articula o *popular* e o *erudito* em uma diversidade de dimensões ou níveis que operam efetivas mudanças culturais. Segundo Martín-Barbero, Williams é o autor *da imagem metodológica mais aberta e precisa que temos até hoje*: aquela que respeita a emergência do popular como cultura a partir das práticas, e para defini-las ele cria uma tipologia das formações culturais em três níveis: (1) o dominante; (2) o residual e (3) o emergente.

Artistas e comunidade criativa

A ação dos escritores, o papel social dos *artistas* e as análises de uma *comunidade criativa* são os ingredientes básicos para sugerir a cultura a partir dos seus processos de formação e transformação.

Ao propor um entendimento alternativo Williams sugere que, mesmo diante das dificuldades que possam emergir, em termos práticos, *é preciso compreender o processo como um todo* e buscar, em nossos estudos particulares, relacionar diferentes dimensões da complexa organização contemporânea da cultura. O autor destaca que:

“Para estudarmos relações reais, em qualquer análise atual, é preciso buscar um ponto em que seja possível compreender que se está estudando uma *organização geral* a partir de um exemplo particular e que nesta organização geral não há elemento algum que possa ser abstraído ou separado do resto. Seria um erro supor que valores ou obras de arte possam ser adequadamente estudados sem referências a uma sociedade particular dentro da qual eles são expressados, assim como seria um erro também supor que a explicação social como determinante, e que os trabalho artístico e um mero sub-produto.” (1965 [1961]:61, *tradução minha*).

Ao analisar o significado da literatura na sociedade e, por extensão, o papel da arte, Williams sugere que não se trata de relacionar a arte a sociedade, mas de estudar todas as atividades em suas inter-relações, sem nenhuma concessão de prioridade a qualquer uma delas que venha a ser nossa escolha para a abstração. Em síntese, ele propõe que, para se estudar uma mudança particular é preciso compreender de que modo uma organização geral também se modifica e por extensão, modos particulares de existência são afetados e vice-versa:

“Eu gostaria de definir a teoria da cultura como o *estudo das relações* entre os elementos de um modo de vida global. A análise é a tentativa de descobrir a natureza de uma organização e o conjunto complexo destas relações” (1965[1961]:62, *tradução minha*).

Portanto, o autor sugere que é preciso compreender os *padrões* existentes em um determinado modelo, as discontinuidades que se revelam e os modos através dos quais um *estrutura de sentimento* atravessa gerações no tempo-espaco da vida social. Uma **estrutura de sentimento** pode ser compreendida como a

cultura de um período; como o resultado de todos os elementos de uma organização geral visíveis em um modo de vida particular. Portanto, para que se possa compreender cultura, é preciso compreender também a *comunicação* e a *comunidade*.

A relação entre cultura – aqui compreendida como “um modo de vida global” – e a noção de **atividade criativa** é o terceiro e último item desta discussão. Ao propor que a produção artística, a arte, é em si um processo de comunicação, Williams também enfatiza que:

“Compreender a arte como um processo particular no âmbito geral da descoberta criativa e da comunicação humanas significa redefinir o status da arte e estabelecer nexos entre a arte e nossa vida social ordinária. A definição tradicional de arte como processo criativo foi profundamente importante⁴², mas quando se estabeleceu um contraste entre arte e experiência ordinária, as conseqüências foram bastante problemáticas. (...) a sugestão de que arte e cultura são ordinárias provoca até hoje reações históricas. A solução portanto, não é trazer a arte para o nível das outras atividades sociais, como normalmente se argumenta. A ênfase que importa é que não existe essencialmente atividade ordinária se por ordinário nós nos referimos a ausência de ímpeto e interpretações criativos. (...) Tudo o que nós vemos e fazemos, a estrutura completa de nosso relacionamento e de nossas instituições depende do esforço de aprendizagem, descrição e comunicação” (1965[1961]:53).

A relevância desta argumentação está no fato de que Williams, ao mostrar que a cultura precisa ser compreendida como um conjunto de fatores em interrelação permanente, ele assim desconstrói a literatura, enquanto “arte” de seu status canônico e defende que ao se tratar de um processo sócio-histórico, ele só se efetiva na medida em que for compartilhado em comunidade. Sendo assim, ele confere o status de “mente criativa” não apenas ao artista, mas também aos membros de uma comunidade, em que um conjunto de significações pode ser

⁴² O autor trabalha diferentes concepções sobre arte e processo criativo, desde as concepções metafísicas aristotélicas e platônicas e as concepções renascentistas até o estatuto da arte nas sociedades modernas e industriais.

compartilhado em comunicação. Neste sentido, a criatividade, é uma experiência em comum, que solicita o entendimento do Outro no compartilhar de significados⁴³

Comunidade ativa: o debate sobre o receptor

Através da discussão que faz sobre a arte e o seu caráter “ordinário”, no sentido de “comum”, a obra de Williams abre o caminho para se pensar o público; a comunidade como coadjuvante nos processos de ruptura, transformação e transgressão das “formas culturais” dominantes. Portanto, os processos de transformação e mudança sociais precisam ser compreendidos em conjunto, a partir de um “modo de vida global”. Isto é importantíssimo para pensarmos que a comunicação, a arte e a vanguarda se efetivam na medida em que há um público, uma comunidade que compartilha os significados. Desta forma, evita-se a concepção do artista isolado, vanguarda solitária de modo idealista, ou por outro lado, a arte como mero reflexo de uma condição material dada e o artista como um ventríloquo desta condição. Williams nos desafia a pensar as inter-relações, o diálogo e o compartilhar de significados em uma realidade social compreendida em seu conjunto. Portanto, para um estudo de comunicação, as audiências não podem ser dissociadas do processo de feitura, de concepção e produção de um determinado bem cultural.

“A comunidade humana cresce através da descoberta de significados comuns e de meios de comunicação comuns. (...) Comunicação é o processo através do qual a experiência singular se torna experiência comum e é, acima de tudo, uma solicitação de existência. A capacidade de se viver de uma certa maneira depende em última instância, na aceitação desta experiência pelos outros, depende de comunicação” (1965[1961]:54, *tradução minha*).

Cultura, comunicação e comunidade são, portanto, para Williams elementos indissociáveis. Afinal, ele compreende a comunicação como:

“descrição de experiência que não pode ser compreendida apenas em termos de transmissão, mas que também precisa incluir a recepção e *resposta*” (1965[1961]:46).

⁴³ Esta discussão sobre a atividade criativa nos indica exatamente a importância da obra de Raymond Williams para o desenvolvimento dos *estudos culturais* e das *etnografias de audiência* cujo objetivo principal foi desvendar os processo de recepção ativa das mensagens midiáticas por diferentes grupos de receptores.

Aqui parece estar a chave para se compreender uma noção de mediação: **a resposta**. Precisamos identificar como a *recepção ativa as competências culturais* que se constituem em formas de respostas que emergem do tecido social e que estão em relação dialética com os modos de endereçamento realizados tanto pelos autores como – no caso da televisão - pelos produtores. Trata-se de um movimento amplo que se desenrola na temporalidade da vida social. De fato, não existe comunicação sem resposta. Assim como não existe recepção muda. Se comunicação é o compartilhar de significados, precisamos indagar sobre as formas de resposta que o público oferece e como estas são solicitadas pelos autores e produtores e incorporadas pela produção. Assim eu acredito que estaremos avançando em uma *visão integral*, uma visão global de comunicação, a partir da cultura.

Contribuições dos estudos culturais para o campo da mídia e educação

Chegamos então de volta ao início, e voltamos à pergunta solicitada pela curadoria deste evento. Assim, compreendo que a grande contribuição que os estudos culturais, sobretudo com o trabalho de Raymond Williams, oferecem ao campo de conhecimento da mídia e educação é certamente o aporte das teorias da comunicação que precisamente pode ser articulado à perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, que para este debate é certamente um dos pilares sob o ponto de vista das teorias da educação.

Paulo Freire também destacou a importância da cultura popular como modo de resistência e defendeu que uma educação precisa ser pensada a partir do ponto de vista também do educando, sua vida, seu mundo, seu bairro, seu cotidiano e sua cultura. Em defesa dos repertórios culturais múltiplos, Freire propôs que toda cultura é lugar de conhecimento, vivido e prático a partir do qual devemos iniciar os processos de intervenção educativa e criativa.

Neste sentido, a afinidade entre a abordagem dos estudos culturais com a pedagogia da libertação de Paulo Freire está ancorada em uma leitura dialética da cultura, pensada sob o ponto de vista do diálogo, da negociação, da mediação entre os sujeitos social e historicamente situados e as estruturas sociais mais amplas. Assim, para o nosso campo da comunicação e educação esta abordagem ou referência é fundamental para pensarmos no nosso lugar, enquanto agentes de

resistência, nós mesmos, pois nos oferece pistas inspiradoras para a nossa atuação. E assim, encerramos esta breve reflexão com as referências a que nos referimos na primeira linha deste artigo.

Referências bibliográficas

FREIRE, *Pedagogia do oprimido*. RJ: Paz e Terra, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura, hegemonia*. RJ: Editora UFRJ, 1997.

MATTELART, Armand e MEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

OROFINO, Maria Isabel. *Mediações na produção de TV: um estudo sobre o Auto da Compadecida*. Porto Alegre: EdIPUC, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.